



UM

AMOR

nada

TRADICIONAL



HEIDI
SHERTOK



HEIDI SHERTOK

TRADUÇÃO DE CLARISSA GROWOSKI

**UM
AMOR**
nada
TRADICIONAL

Um

“As pessoas vão olhar. Faça o tempo delas valer a pena.”

— Harry Winston

Na escala de coisas catastróficas no mundo, ser uma virgem de vinte e nove anos não é tão ruim. Não é nada comparado a perder um ente querido, ou ser roubada à mão armada, ou jogada na prisão por um crime que não cometi, ou qualquer outra coisa que exija terapia e um bom advogado. É por isso que se o encontro de hoje acabar sendo um desastre total, vou ficar bem. Repita: *vou ficar bem*. Não vou me deitar no chão em posição fetal e pensar que vou morrer solteirona e depois ir para a cozinha e acabar com um pote de sorvete. Na verdade, nem vou pensar no sanduíche de sorvete com *cookies* que me encara com olhar sedutor toda vez que abro o freezer.

O sinal fica amarelo e piso no freio de leve até que o carro pare. Bato os dedos sem parar no volante. Sempre sinto um frio na barriga antes de um primeiro encontro, e esta noite não é uma exceção. Seria de se imaginar que, depois de dez anos, eu estaria acostumada com isso, que a sensação do estômago se revirando acabaria amenizando, mas não tive essa sorte. Pelo menos tenho uma foto ótima da minha roupa para colocar no *Instagram* com as hashtags #EncontroJudeu e #ModaRecatada.

Quando comecei a compartilhar tendências de moda num estilo recatado era apenas algo divertido para fazer com minha família e amigos. Jamais imaginei que a conta cresceria a ponto de ter os 22 mil seguidores que tenho atualmente, incluindo mulheres do mundo todo que têm o objetivo comum de se vestir de forma elegante e, ao mesmo tempo, recatada. E nem todas são judias ortodoxas – há muçulmanas, mórmons, testemunhas de Jeová, pentecostais. Também se tornou uma espécie de irmandade, um lugar seguro para falar tanto das nossas dificuldades (“*Andar a cavalo de saia? Você só pode estar brincando!*”), como também dos elogios que recebemos (“*O dermatologista disse que eu tenho uma pele incrível – sem câncer de pele aqui!*”).

Checo a maquiagem no retrovisor para ver se não está borrada e, logo depois, lembro a mim mesma, em um tom severo e feminista, de que sou uma mulher forte e independente que não precisa de um homem para se sentir completa, ou para perceber como o delineador realça o verde dos meus olhos.

Mas seria bom ter alguém que consertasse as coisas pela casa. E matasse aranhas e besouros. Ah, e carregasse as sacolas pesadas do mercado.

Deixa pra lá essa coisa de marido – talvez eu só precise de um criado. Aposto que...

Uma buzina alta interrompe meus pensamentos e percebo que o sinal ficou verde. Merda.

Conduzo meu carro até uma vaga de estacionamento e desligo o motor. O encontro desta noite é com um nova-iorquino chamado Yoav Bernbaum e, fuçando casualmente seu perfil no *Facebook* e sua conta no *Instagram*, sei que ele tem cabelo castanho e curto, uma barba encaracolada que chega até o pescoço e que usa óculos turquesa no formato das placas de “pare”. Não encontrei nenhuma imagem escandalosa, embora houvesse um número surpreendente de fotos de sua mãe, o que achei fofo. Ou perturbador. Ainda não me decidi sobre isso.

Mas o trabalho dele parece ser interessante. Minha casamenteira, senhora Zelikovitch, foi vaga, como sempre, mas disse que Yoav é o cara que todo mundo chama quando há um homicídio ou outra cena de crime. O que é perfeito, porque recentemente comecei a assistir *Criminal Minds* na *Netflix*, então pelo menos poderei conversar com ele sobre trabalho, se ficarmos sem assunto.

Fecho o carro e vou em direção à cafeteria. O judaísmo ortodoxo ensina que há uma alma gêmea para todo mundo, mas já são dez *loooongos* anos na busca, então estou começando a achar que devo ser a exceção à regra.

Um golden retriever que está amarrado a uma mesa do lado de fora do café se levanta quando me vê. Ele varre o chão ao balançar o rabo de tanta felicidade enquanto me abaixa para fazer carinho atrás de suas orelhas, e então se vira para um afago na barriga.

Talvez D'us¹ estivesse distraído no dia em que designou almas gêmeas e, acidentalmente, pulou minha vez. Ou talvez eu estivesse distraída, correndo pelas nuvens e fazendo piadas sobre pessoas mortas e esqueci completamente de entrar na fila.

É, deve ter sido isso.

Com um suspiro, faço um último carinho no cachorro e ando em direção à porta. O aroma de grãos de café moídos na hora e dos famosos croissants de queijo do local me recebem quando entro. Meus olhos examinam o ambiente, observando as vigas de aço expostas, as paredes de tijolo e os bancos estofados. O lugar está lotado de *hipsters* vestindo blusas néon, jeans rasgados e

1 D-us e D'us são formas com as quais alguns judeus lusófonos se referem a D'us para evitar que Seu nome seja invocado em vão. No judaísmo, não se escreve o nome de D'us em nada que possa ser consumido. Por exemplo, um papel com o nome escrito pode ser consumido pelo fogo.

coturnos veganos, portanto é fácil detectar o homem sozinho de terno e quipá de veludo preto. Vou me esquivando pelo labirinto de pessoas e mesas até chegar à mesa dele. Yoav está concentrado na unha do polegar e parece não me notar.

— Oi. — Sorrio e coloco a bolsa Prada falsa na mesa. — Você deve ser o Yoav.

O homem olha para cima.

— Sinto muito, mas acho que você me confundiu com alguém.

— Ah! — Fico surpresa e mais do que confusa, já que este homem se parece muito com a foto de Yoav; talvez ele não saiba quem eu sou?

— Eu sou a Penina Kalish.

Um silêncio constrangedor se instala enquanto ele me olha sem entender nada. Limpo a garganta e acrescento:

— É que você se parece muito com o cara que eu deveria encontrar aqui hoje à noite para um encontro...

— Olha, você é mais do que bem-vinda para se sentar e bater um papo — ele diz, gesticulando em direção ao assento na frente dele. — Mas só para você saber, sou casado e tenho cinco filhos.

O sangue foge do meu rosto. *Eu sou uma completa idiota.*

— Nossa! Definitivamente a pessoa errada. Desculpa.

Pego a bolsa e me viro para ir embora.

— Te peguei!

— O quê? — Eu me viro com as sobranceiras erguidas, confusa.

— Sou eu! Eu sou Yoav! — Ele abre um sorriso e ergue as palmas das mãos. — Não acredito que você caiu nessa. Você tinha que ver a sua cara.

Meus dedos apertam a bolsa enquanto listo mentalmente todas as razões pelas quais eu não deveria bater na cabeça dele. Muitas testemunhas, para começo de conversa.

Seu sorriso desaparece quando ele capta minha expressão facial.

— Ei, desculpa... foi só uma brincadeira. — Ele faz uma pausa e diz: — Esqueci que nem todo mundo tem senso de humor.

E desde quando isso é engraçado? E eu tenho um ótimo senso de humor. No momento, estou imaginando que ele escorrega em uma casca de banana e bate a cabeça ao cair no chão.

— Aposto que você vai chegar em casa hoje à noite e rir disso depois. — Ele sorri. — Eu sei que eu vou.

Olho ao redor para procurar por câmeras escondidas, esperando que este seja um daqueles *reality shows* que tentam assustar pessoas inocentes, mas não vejo nenhuma. Suspiro. Se eu não tivesse que me preocupar com minha reputação no mundo dos encontros e com a impressão que isso deixaria na minha casamenteira, já estaria na metade do caminho de casa. O problema é que já tenho muito contra mim e não preciso que as pessoas digam que fujo dos encontros antes mesmo de eles começarem.

— Podemos começar de novo? — Ele levanta a palma da mão. — Chega de brincadeiras.

Brincadeiras? No plural? Querido D'us, quantas ele tinha planejado? Ele planejou? Forço um sorriso tão grande que quase dói.

— Claro.

— Ótimo, ótimo. — Ele dá um sorriso enorme, obviamente satisfeito consigo mesmo. — Então, o que posso pedir para você beber?

Como o café é a única coisa que é *kosher*² aqui, digo:

— Um café gelado, por favor. Descafeinado — acrescento.

— Tudo bem, pode deixar.

Eu o vejo ir até a frente da loja, tropeçar em uma cadeira e se desculpar profusamente com o homem nela. Balanço a cabeça e suspiro. Talvez ele esteja nervoso. Minha cabeça começa a latejar. Abro a bolsa e tiro o Tylenol de emergência que carrego comigo, e engulo dois, a seco. Acabei de conhecer o cara, e ele já me causou dor de cabeça de estresse.

Pego o celular para enviar uma mensagem para Libby, minha irmã mais velha, mãe de cinco filhos e a pessoa número um para todas as coisas da vida.

| Tô a dois segundos de sair correndo deste encontro

Depois de uma pequena pausa, uma mensagem chega.

LOL. O que tá te impedindo? |

| Culpa judaica. Minha reputação.

Observo os pontinhos cinzentos dançando na tela enquanto ela digita de volta.

Casamenteiros são superestimados. Você só precisa do Tinder. |

Eu rio e começo a digitar a resposta.

— Opa. Já está me traindo? — Yoav coloca minha bebida na mesa, se senta em frente a mim e inclina a cabeça.

— Não, só mandando mensagem para a minha irmã — digo e guardo o celular. — Obrigada pelo café — murmuro a bênção hebraica e tomo um gole. — Está delicioso.

— Não tem como ficar ruim com o grão colombiano de torra escura. — Ele dá um gole e murmura: — Hm, tantos sabores. — Ele abaixa o copo e dá um sorriso travesso. — Quer experimentar um pouco do meu?

Nem morta.

2 Produtos *kosher* são todos aqueles que obedecem à lei judaica.

— Não, obrigada.

Ele fica tão decepcionado que tenho de me lembrar de não ser enganada por um olhar triste de cachorrinho, especialmente quando se trata de trocar cuspe. Como judeus ortodoxos não podem tocar pessoas do sexo oposto, compartilhar uma bebida é como chegar à segunda etapa, por assim dizer.

— Então, Yoav — digo, tentando levar a conversa adiante —, o que você faz para ganhar a vida? A senhora Zelikovitch disse que você é a pessoa que todos chamam quando há um homicídio ou outra cena de crime.

Ele tira os óculos e limpa as lentes com a camisa.

— Sim, eu sou o cara.

Como ele não continua, pergunto:

— Então você é detetive?

— Há! — Ele ri. — Não, não. Sou apenas o faxineiro.

Não faço ideia do que ele quis dizer com isso.

— E o que isso quer dizer?

— Que limpo as tripas esparramadas das pessoas e coisas do tipo depois que elas foram assassinadas ou cometeram suicídio. E deixe eu te dizer uma coisa — ele diz, balançando o dedo —, é um trabalho ingrato. A polícia manda em você como se você fosse a vadiazinha deles; a família está toda emotiva e chorosa, enfim. E não é como se o cadáver agradecesse. — Ele dá de ombros. — Mas o que a gente pode fazer? As coisas são como são. Então — ele diz, balançando a cabeça —, o que você faz?

Engulo em seco.

— Trabalho em uma joalheria.

— Há! — ele solta um grito e dá um gole na bebida. — Joalheria, hein? Acho que você também não fez faculdade.

— Estudei em uma escola técnica. — Um casal passa pela nossa mesa de mãos dadas e rindo, e sinto um aperto no coração. Parece ser inveja, e tiro o pensamento da cabeça. — Eu me formei em inglês.

Ele sorri.

— Que desperdício de dinheiro. Por que você se incomodou em fazer?

— O plano era ser a próxima Jane Austen — explico, odiando essa parte da história. — Mas levei uma eternidade para escrever apenas um parágrafo e, quando finalmente terminei, percebi que nem era tão bom. — Inclino a cabeça e aperto os lábios. — Enviei por e-mail para uma amiga e perguntei o que ela achava. Ela disse que eu provavelmente deveria começar um curso de tricô.

Yoav bate a mão na mesa fazendo com que parte do meu café derrame.

— Isso é engraçado — ele declara em voz alta.

Ainda bem que um de nós está se divertindo.

— O que você gosta de fazer no seu tempo livre?

Ele olha para mim com desconfiança por sobre a borda do copo, como se essa fosse uma pergunta capciosa.

— Como assim?

Reprimo o suspiro que está louco para sair.

— Tipo — digo, acenando com a mão —, o que você faz para se divertir? — Ele me encara inexpressivamente, então acrescento: — Você tem algum *hobby*? — *Além de fazer pegadinhas com as pessoas com quem sai.*

— Eu fumo. Eu bebo. — Ele aperta os olhos como se estivesse se concentrando com muita força e diz: — Comer conta?

Solto um suspiro.

— Claro. Por que não.

— Você tem algum *hobby*? — ele pergunta, cruzando os braços.

— Tenho — respondo imediatamente. — Bem, talvez não *hobbies* por si só, mas gosto de passear ao redor do lago com minha amiga e sair com meu sobrinho e minha sobrinha. — Meus olhos se iluminam e eu me endireito. — Ah, e adoro ver filmes antigos! Sabe, aqueles em preto e branco com astros como Gene Tierney, Humphrey Bogart e Paul Newman...

— Honestamente, não tenho muito tempo livre — Yoav diz, me cortando. — Trabalho muitas horas por dia. E quando não estou trabalhando, sou voluntário no Hospital Shriners.

— Sério? — arregalo os olhos, surpresa. Talvez esse cara *seja* minha alma gêmea, afinal. Ele obviamente tem um bom coração, se é voluntário. — Eu também sou voluntária! — digo, animada, colocando a mão no peito. — Em um hospital também.

— Ah, é? — ele diz, levando o copo à boca. — Você gosta?

— Eu amo! Posso abraçar os bebês na UTI neonatal. É a melhor coisa. O que você faz?

Ele termina de engolir e limpa a garganta.

— Sou um palhaço.

— Palhaço? — repito, sem ter certeza se ouvi direito.

— É. Tenho que usar uma fantasia ridícula com um nariz de palhaço e agir como um idiota.

Levanto as sobrancelhas.

— É... legal. Não temos palhaços no meu hospital. — O que, para mim, é uma coisa boa. Não sei o que os palhaços têm, mas eles me dão arrepios. Talvez seja a maquiagem mal aplicada. — Você faz shows?

— Sim. Mas só por mais algumas semanas, aí eu paro.

Uso o canudo para mexer o café.

— Você quer um trabalho voluntário diferente?

— Há! — Ele dá risada e limpa a boca com o guardanapo. — Não, não quero mais ser voluntário. Só fiz isso porque fica bem no currículo. A menos

que... — Ele bate na testa. — Ah, quase esqueci. Mamãe fez seus famosos *brownies* para nós. — Ele pega uma sacola de plástico e tira um pote com um bilheteinho grudado em cima que traz escrito: *Para minha futura nora, com amor*. Ele aponta para o bilhete e ri. — Ela é a melhor. Falo para ela o tempo todo que se ela já não fosse casada, eu mesmo me casaria com ela.

Dou uma risadinha leve. Isso não é nem um pouco bizarro. Não.

Quando ele abre a tampa, um cheiro estranho ataca meu nariz, mas não consigo identificar o que é. Cheiro de cacau misturado com morte.

— Humm — Yoav fecha os olhos e funga para apreciar o aroma. — Não conte para ninguém — ele diz, olhando furtivamente ao redor —, mas o ingrediente secreto é maionese.

Eu vomito um pouco na minha boca. Maionese me traz lembranças, e não são boas. Só de pensar no cheiro e na textura eu começo a suar frio. Tem que ter câmeras escondidas aqui, e começo a olhar ao redor procurando, porque é muita coincidência que ele não soubesse. Admito que é estranho (tudo bem, *eu sou* estranha), mas *detesto* maionese. É molenga e pegajosa e gelatinosa... e me dá calafrios. Por que alguém estragaria um brownie perfeito adicionando esse veneno?

— Algum problema? — Yoav pergunta enrugando a testa quando me vê encolhendo.

Balanço a cabeça, me afastando o máximo possível do item ofensivo na mesa. Não existe um jeito agradável de explicar que a famosa receita de sua preciosa mãe me faz querer vomitar. Tenho que segurar a risada, ouvindo a voz da minha casamenteira dizendo pela milionésima vez que honestidade nunca é a melhor política quando se trata da mãe do cara.

— Não curto muito brownie. Mas, obrigada — digo, limpando a garganta.

— Dá só uma mordida ou duas — ele diz com firmeza, empurrando o pote até que fique bem na minha frente. — Minha mãe fez especialmente para você. — Ele observa atentamente enquanto dou uma mordida e pergunta:

— Então? O que achou?

Acho que você e sua mãe estão tentando me matar.

— É xão boum.

Não pense na maionese, não pense na maionese...

De repente, o celular dele toca, e enquanto ele verifica a tela para ver quem está ligando, pego um guardanapo e cuspo o brownie.

— Minha mãe está me ligando por videochamada. — Yoav levanta os olhos do telefone. — Você se importa se eu atender? Ela fica preocupada se eu não atendo até o terceiro toque.

Deixo escapar um suspiro.

— Claro, vá em frente.

— Obrigado. — Ele arrasta o dedo pela tela e abre um sorriso. — Oi, mãe.

— Oi, meu filhinho.

Engasgo com a bebida e bato no peito, tentando não rir. Isso é demais. Primeiro a pegadinha, depois o brownie de maionese, agora o *filhinho*.

— Quem está tossindo? — ela pergunta. — É a menina? Ela está aí?
— Está. Ela está aqui agora, na verdade. — Ele me dá uma piscadinha.
Ele piscou para mim? E por que ele está balançando as sobrancelhas desse jeito? É como se fosse um código Morse do rosto, mas não faço ideia do que ele está tentando me dizer.

— Ah, que bom — ela diz. — Ouça, não vou tomar seu tempo, mas me diga rapidinho, os brownies ficaram gostosos?

— Tá brincando? Ficaram tão incríveis quanto a mulher que os fez. — Ele sorri.
De repente, sinto que estou fazendo papel de vela. Talvez eu pudesse escapar sem que ninguém percebesse.

— E a menina? — A mãe de Yoav pergunta. — Ela gostou?
Yoav se move em direção ao telefone e articula algo com os lábios para mim, mas não consigo entender o que é.

Sem aviso nenhum, ele vira o telefone para mim e, de supetão, me pego olhando para os olhos pequenos e bem separados de uma mulher mais velha com um lenço azul-turquesa.

Ai, meu Deus.

— Há, oi. — Abro um sorriso, me sentindo como um animal atingido pelos faróis de um carro. Já estive em um monte de encontros na minha vida, mas isso é certamente a primeira vez que acontece. E espero que seja a última.

— Oi, querida. Eu sou a mãe do Yoav.

Então você tem muita coisa para explicar.

— Prazer em te conhecer. Eu sou a Penina.

— Você é tão bonita quanto a sua foto no perfil!

Solto uma risada nervosa. De qual foto ela está falando? Não me lembro.

— Obrigada. E obrigada pelos brownies. São deliciosos.

— Bom, bom, aproveite! Meu filho adora sobremesas, mas ele é um zero à esquerda na cozinha. Você cozinha?

Essa mulher se move impressionantemente rápido, mas a última coisa que quero é que ela tenha a mínima impressão de que vou ajudar seu filho na cozinha. Ou em qualquer outro lugar.

— Adoro esse *tichel!* — digo, apontando para o lenço em sua cabeça, em uma tentativa de distraí-la. — Você comprou em uma loja ou pela internet?

Ela olha para o ombro e toca o pano com franjas, como se quisesse lembrar qual deles está usando.

— Nem uma coisa nem outra, é da minha vizinha que mora no meu corredor, no 21B. Ela morreu uns dias atrás.

Yoav vira o telefone de volta para ele.

— Tão triste. O *kugel*^B de abacaxi dela era uma delícia. Mas não tão gostoso quanto o seu — ele acrescenta. — Ninguém cozinha tão bem quanto você.

3 Prato típico judaico.

— Ah, imagina! — Ela dá uma risadinha como uma adolescente. — Enfim, foi assim que consegui o *tichel*. A família estava limpando o apartamento e fez uma pilha de coisas para doação, então eu o peguei.

Hum... ética questionável? Meus olhos dispararam na direção de Yoav, mas ele não parece muito preocupado.

— Preciso ir, mãe, mas te ligo mais tarde hoje à noite. — Ele promete ligar para ela às nove da noite, então desliga o telefone e olha para mim. — Agora você pode dizer às pessoas que conheceu minha mãe!

Meu D'us. Eu o encaro por um instante.

— Posso mesmo — respondo, conseguindo dar um sorriso frouxo.

Ele arranca um pedaço de brownie e coloca na boca.

— As pessoas sempre me dizem para não mencionar isso no primeiro encontro, mas tenho um bom pressentimento sobre você. — Ele termina de mastigar, depois se inclina para frente e abaixa a voz para um tom conspiratório. — Você sabia que na China as pessoas vivem com os pais? Bem, esse sempre foi o meu sonho. Minha mãe e minha esposa morando sob o mesmo teto, cozinhando juntas.

Olho fixamente esperando pela hora em que ele começa a rir histericamente e me diz que é uma brincadeira.

— Sei que minha esposa vai amá-la tanto quanto eu. — Seu olhar se direciona para o guardanapo com meu brownie. — Você vai comer o resto? Porque eu como se você não quiser.

Aposto que esse cara também não tem uma alma gêmea. A menos, é claro, que a mãe dele conte. Empurro a sobremesa na direção dele, e ele arranca um pedaço e coloca na boca. Uma migalha fica presa em sua barba, e eu me movo em direção a ela.

— Tem uma coisa aí.

— Ah, estou guardando para mais tarde. — Ele me dá uma piscadinha.

Agora estou lutando para segurar o vômito pela segunda vez esta noite. Mantenha a compostura, garota. Respire fundo, vai dar tudo certo. Mas quando olho para o outro lado da mesa e vejo Yoav devorar o brownie, começo a pensar em reencarnação. Os judeus ortodoxos acreditam que todo mundo hoje é uma alma velha, então toda vez que me encontro em uma situação ruim, penso que é punição por algo que fiz de errado em uma vida passada. Embora não consiga imaginar o que eu poderia ter feito de tão ruim para conhecer esse cara. Assassinato, talvez.

Não posso mais fazer isso, percebo com uma clareza repentina. Não posso continuar indo a encontros como este, fingindo que isso poderia dar em algum lugar, quando, na realidade, preferia andar nua pelo deserto do Saara sem sapatos, água e GPS a me casar com alguém como Yoav.

Minha boca se abre e as palavras voam.

— Desculpe, Yoav, mas isso... você e eu — digo, gesticulando entre nós —, não vai dar certo.

— Opa, opa, garota — ele diz, como se eu fosse um cavalo assustado. Seus olhos se arregalam e ele para de comer. — De onde saiu isso? Nós mal trocamos duas palavras.

— Ainda assim, sei que não é...

— É por causa da minha altura? — ele pergunta de modo ríspido. — Não sou jogador de basquete, mas um metro e setenta não é tão ruim para um judeu. Mordo a bochecha para não rir, me levanto e pego a bolsa.

— Juro que nem notei sua altura.

— Então qual é o problema?

Corra, Penina! Vá para a porta e não olhe para trás. Tem um cobertor felpudo e quentinho e uma nova série na Netflix esperando por você em casa...

Infelizmente, minha boca de repente é mais rápida que meu pensamento.

— Para ser honesta, sua pegadinha não foi um ótimo começo.

Ele franze a testa e cruza os braços.

— Concordo em discordar. Mais alguma coisa?

Sim, mas prefiro arrancar os olhos a ficar e listar todos os problemas.

Ele se inclina para frente.

— O que é? Fale.

— Sua mãe — digo devagar e com um pouco de sofrimento —, ela parece ser realmente especial...

— Ela é.

Minha nuca começa a pinicar, e estendo a mão para coçar.

— Mas a ideia de morar com ela e cozinhar juntos é... um pouco demais. Para mim. Mas enfim... — digo depressa enquanto os olhos dele se estreitam e viram quase um risco. — Tenho certeza de que você vai conhecer essa pessoa especial logo. E ela vai ser uma mulher de sorte — acrescento, me certificando de manter contato visual. Assisti a muitos desses interrogatórios criminais e sei que as pessoas muitas vezes desviam o olhar ou piscam ao dizer algo que não é verdade, então treinei para olhar diretamente nos olhos da pessoa quando estou mentindo.

— Vai — ele retruca, erguendo os óculos ainda mais no nariz. — Você não faz ideia.

— Ah, eu desconfio — digo, me afastando da mesa. — Gostei muito de conhecer você, Yoav. Boa noite.

Eu me viro e vou em direção à porta o mais rápido que meu salto de sete centímetros permite e saio para o ar fresco da noite. Abro o zíper da bolsa e puxo a chave do carro andando em direção a ele. Sei que vou ouvir um monte da minha casamenteira em algum momento nos próximos dias, e ela vai me dar um sermão sobre ser muito exigente. Uma vez ela disse à minha mãe que eu “exijo muita atenção” depois que eu me recusei, sem hesitar, a namorar um cara cujos *filhos* eram mais velhos do que eu. E, para ser sincera, ela não tem enviado bons partidos. Só no último ano, ela me arranjou um cara que já tinha

a bagagem de três casamentos fracassados e parecia ter uma grande mágoa com relação as mulheres. Aí teve o hipocondríaco que insistiu em me mostrar sua erupção cutânea e perguntar se a pinta em seu rosto parecia cancerosa (passei a maior parte do encontro pesquisando um diagnóstico na internet, apesar de nunca ter feito faculdade de medicina). E não vamos esquecer o cara que estava convencido de que o governo estava seguindo todos os seus passos, chegando ao ponto em que ele mal saía de casa, e a resposta da casamenteira foi: “É uma situação temporária. Assim que ele se casar, a esposa vai cuidar de seus medicamentos e ele vai ficar bem.”. Desliguei na cara dela dessa vez, e aí fingi que a ligação tinha caído quando ela me ligou de volta.

Eu estava cautelosamente animada com o último cara com quem ela me arranjou, que administrava uma fazenda e parecia legal e normal, mas então visitei o local e descobri que ele estava cultivando maconha e fabricando metanfetamina em seu porão. Na saída, o amigo dele me chamou e disse que os caras do cartel mexicano estavam a caminho. Nunca dirigi tão rápido na vida.

Uma rajada de vento faz com que alguns fios de cabelo grudem no meu brilho labial. Pego um lenço de papel na bolsa e o removo. Percebi que a senhora Zelikovitch é basicamente uma vendedora de carros usados disfarçada, e fala tão bem dos homens que, se você não a conhece direito, pensa que está prestes a conhecer um sócia do Chris Hemsworth tão rico quanto um príncipe saudita e tão cavalheiro quanto um herói de um romance. Mas aí você conhece o cara e descobre que a beleza dele é mediana, na melhor das hipóteses; ele está entre empregos, “*mas está tudo bem porque meus pais me mantêm de qualquer maneira*”; e que reclama com raiva sobre uma ordem de restrição que o impede de ter contato com a ex-esposa. A verdade é que os casos de sucesso da senhora Z são poucos, mas depois que a última casamenteira faleceu, alguém precisava assumir e cumprir esse papel, e ela ansiosamente se voluntariou. Ela não é a minha versão ideal de uma boa casamenteira, principalmente quando ela me lembra, em um tom de piedade, que eu também não sou nenhum prêmio e não tenho o direito de ser exigente. Sua frase favorita é: *Mendigos não podem escolher*. Uma vez ela disse que o objetivo de se casar é ter filhos, então eu teria sorte se alguém se interessasse por mim, e deu um tapinha na minha mão como que para amenizar o choque.

Entro no carro, ligo a ignição e saio da vaga em que estou estacionada. Obviamente, os judeus ortodoxos normais nunca namorariam comigo, não com meu problema de infertilidade, mas gosto de pensar que há alguém por aí que está entre o normal e a necessidade de se encontrar com um oficial de liberdade condicional uma vez por semana.

Suspiro e ligo o desembaçador. A pior parte é que eu nem culpo os caras normais. Por que se juntar a uma estranha que não pode ter filhos em vez de uma estranha que pode, especialmente quando o mandamento de ser frutífero

e multiplicar é levado tão a sério em nossa comunidade? Claro que eles não iriam querer namorar comigo. Eu também não gostaria de namorar comigo.

Mas eu faço uma omelete de queijo que dá para o gasto e a minha chalá⁴ pode trazer todos os rapazes para o quintal só com o cheiro.

Freio no sinal vermelho e aciono os limpadores de para-brisa uma vez. Todo mundo, do meu rabino à minha família, meu terapeuta também, disse que minha vida tem tanto valor quanto a de qualquer outro ser humano, estéril ou não. A parte lógica do meu cérebro concorda com eles, mas a parte emocional tem suas dúvidas e sussurra coisas como *claro que eles dizem isso, é o trabalho deles. Não significa que seja verdade.*

Ligo o rádio e aumento o volume de *Good 4 U*, da Olivia Rodrigo, e tento enterrar o desespero que está tentando vir à tona.

Meu telefone toca e, como uma idiota, atendo sem verificar quem é.

— Alô?

— Penina.

Merda. Eu sabia que a senhora Z ligaria, só não achei que seria tão rápido. Ela não me deu tempo nem para inventar uma boa desculpa ou esvaziar a bexiga. A mulher não tem coração.

— Eu posso explicar — engulo em seco.

— Ouça Peninah — ela diz. Por alguma razão, sempre ouço a música do filme *O Poderoso Chefão* tocando na cabeça quando ela fala. Talvez seja sua voz grave. Talvez seja a maneira como ela sorri e dá um tapinha na minha bochecha enquanto me diz que não há nada de errado em namorar um homem três vezes mais velho do que eu. — Sei que você é uma boa pessoa e não queria ferir os sentimentos do coitado do Yoaveh — ela diz, pigarreando. — Mas acabei de falar ao telefone com a mãe dele. Ela disse que ele estava chorando.

Chorando? Não achei que ele ficaria *tão* chateado.

— Yoav está muito magoado por você tê-lo largado.

Sim, e minhas papilas gustativas tiveram uma morte lenta esta noite, então estamos quites.

— Sinto muito por isso.

Mudo para a pista da direita para deixar o carro atrás de mim passar.

— O que sempre digo é que, mesmo que seu apêndice esteja prestes a se romper, é melhor você desmaiar do que sair mais cedo de um encontro. Envergonhar um judeu é a mesma coisa que matá-lo.

Olho pela janela e vejo um cara em uma motocicleta com um buldogue vestindo jaquetas de couro combinando. Não tenho certeza do que isso diz sobre meu estado mental atual, mas eu daria qualquer coisa para trocar de lugar com esse cachorro agora. O sinal fica vermelho e eu piso no freio.

4 Pão trançado feito com ovos, tradicionalmente servido em quase todos os feriados judaicos e no Shabat.

A senhora Z solta um suspiro.

— Sei que você geralmente é uma boa menina, Peninah. Vamos colocar essa na conta da TPM, tudo bem?

Senhor, tenha misericórdia. Paro no sinal vermelho e bato a cabeça repetidamente contra o volante. Já expliquei à senhora Z um milhão de vezes que não tenho TPM porque não menstruo porque sou infértil, mas ela tem algum tipo de bloqueio contra a retenção dessa informação.

— *Tudo beeeem* então.

— E ouça, o próximo cara que tenho para você é top dos tops. Carne de primeira. Tudo o que você poderia sonhar e muito mais.

Engraçado. Ela disse a mesma coisa sobre o viciado em sexo que tinha cumprido pena na prisão, mas detalhes como esse tendem a escapar de sua mente.

— Fico agradecida — digo, pisando em ovos. — Mas acho que é hora de dar um tempo. Já faz dez anos, e eu...

— De jeito nenhum, não quero nem ouvir. Você acha que é assim que medalhistas de ouro olímpicos falam?

Eu não saberia dizer, e tenho certeza de que ela também não. Paro no estacionamento do meu prédio e espremo o carro em uma vaga.

— Não precisa ser uma pausa longa — digo, desligando o carro. Apenas uma década ou duas.

Ela murmura baixinho em iídiche, algo mais ou menos sobre meu comportamento *fakakta*⁵ e como a vida real não é igual a um *reality show* de namoros.

Meus lábios se separam em um sorriso surpreso. De tudo o que aconteceu esta noite, a menção da senhora Zelikovitch a um *reality show* é possivelmente a coisa mais perturbadora. Não que judeus ortodoxos não vejam televisão — embora alguns não vejam —, é só que ela não me parece o tipo de pessoa que veria. Mas ela tem doze filhos e também não consigo imaginá-la fazendo... *aquilo*.

— Kay, um minuto — ela murmura com uma voz distraída. — Espere, espere.

Abro a porta do prédio e, por um momento, considero subir de escada, mas depois da insanidade de hoje, mereço um passeio de elevador. E quem sabe? Talvez, apenas talvez a ligação caia.

— Quase pronto... certo. Isso! Está fora do meu controle agora.

Uso o cotovelo para pressionar o botão de subir.

— O que você quer dizer?

— Agora depende de D'us e Zevi.

D'us eu conheço, mas quem é o outro cara? As portas se abrem e eu entro, então pressiono o botão para o quinto andar.

— Quem?

Ela começa a dizer algo, mas é cortada.

5 Ridículo.

— Estou recebendo outra ligação, mas ele entrará em contato com você em breve. Você vai adorar esse cara. *Zei gezunt.*

— Espere! Não desligue! Alô? Oi?

Olho para o telefone, incrédula. Que parte de dar um tempo a mulher não entendeu? Encosto a testa na porta do meu apartamento e respiro longa e profundamente, tentando não gritar. Não é grande coisa, digo a mim mesma destrancando a porta. Se esse tal de Zevi ligar, direi que não estou interessada.

E, na pior das hipóteses, posso mudar o número do meu telefone, comprar uma passagem só de ida para Bora Bora, e viver de cocos para o resto da vida. Então, tenho opções.

Depois de tomar banho e vestir o pijama, abro uma gaveta da cômoda e levanto uma pilha de camisetas para pegar a carta que está escondida embaixo. Embora carta provavelmente não seja a palavra certa; é apenas um bilheteinho que Libby escreveu e passou por debaixo da porta do meu quarto há quase quinze anos após a notícia do meu diagnóstico.

Embrulhada em uma manta e com uma caneca de chocolate quente na mesa de cabeceira, vou para debaixo das cobertas e começo a ler.

Querida Penina,

Ouço você chorando do seu quarto, e gostaria de saber o que dizer para fazer você se sentir melhor. Se pudesse trocar de corpo com você, faria isso num piscar de olhos. Você é uma pessoa muito boa e uma ótima irmã (na maior parte do tempo), e, definitivamente, não merece isso. A propósito, médicos não sabem tudo. Milagres acontecem o tempo todo, e provavelmente há algum médico gênio agora inventando uma solução. Além disso, sempre há a opção de adotar. E não se esqueça que eu vou precisar de muita ajuda para criar meus filhos – você sabe como eu me sinto quando se trata de fraldas sujas.

Ouvi você dizer à mamãe que agora ninguém vai querer se casar com você, mas isso não é verdade! Todo mundo tem uma alma gêmea e aposto que a sua é ridiculamente bonita e podre de rica. Você provavelmente vai passar férias em lugares exóticos e deixar a gente morrendo de inveja. Já fico com raiva só de pensar.

E, acredite em mim, você vai ser feliz. Sinto isso no fundo da minha alma! Não desista do seu sonho, porque ele ainda está lá esperando por você. Você vai superar.

*Com amor,
sua sábia irmã mais velha,*

Libby

Uma lágrima cai no papel, e eu pego um lenço e a enxugo. Minha garganta aperta com outra lágrima que escorre pela bochecha. Pego a caixa de lenços e a coloco no colo. Libby estava tão errada – meu sonho não está esperando por mim em lugar nenhum, e as férias mais exóticas que já tirei foram ir a Montreal para o *bar mitzvá* do meu primo. Não quero parecer melodramática, mas provavelmente vou viver a vida inteira sem saber o que significa estar apaixonada ou não estar mais apaixonada ou qualquer coisa no meio disso. Meus dias consistirão em ir ao trabalho, comer sanduíche de manteiga de amendoim no jantar, ver *Netflix* e então repetir tudo de novo. Vou morrer como uma solteirona enrugada com minha virgindade ainda intacta, e meu corpo não será encontrado até estar decomposto e não poder mais ser reconhecido, mas tanto faz. Estou bem com isso.

Um soluço me escapa, jogo os cobertores de lado e deslizo os pés para dentro dos chinelos. Tem um sanduíche de *cookie* com sorvete que sobrou no congelador, e meu nome está escrito nele.

Dois

“Não acreditamos que qualquer peça de roupa deva se restringir ao propósito pretendido.”
— Chaya Chanin e Simi Polonsky

— Por que cenouras não podem ser mais gostosas? — pergunto ao bebê que se contorce em meus braços, mesmo sendo óbvio que ele já perdeu o interesse na conversa. Eu o reposiciono para que sua cabeça fique contra o meu peito e coloco a chupeta de volta em sua boca. — Alguém deveria inventar um vegetal que tivesse gosto de pizza ou costelinha com molho *barbecue*. Para que servem os cientistas se não estão inventando as coisas de que realmente precisamos? Não é possível que todos estão tentando encontrar a cura para o câncer, certo? — Eu o abraço mais apertado e sorrio para ele. — O que você acha, Antwon?

— Ele acha que você é louca — Delilah, a enfermeira-chefe, comenta ao passar.

Reviro os olhos. O bom de Delilah é que você nunca fica em dúvida sobre o que ela pensa de você, ao contrário do resto das enfermeiras aqui, que na sua

frente te tratam bem e sorriem, mas só até você virar as costas, que é quando pegam um picador de gelo e apunhalam você até a morte.

Metaforicamente falando, é claro.

— Você não disse que ia ter um encontro hoje à noite? — Delilah pergunta, pegando uma fralda e lenços umedecidos do berço.

Finjo não saber que ela está falando comigo. Afinal, teoricamente, ela poderia estar perguntando a qualquer uma das outras quatro enfermeiras aqui, mas Delilah tem um interesse especial – alguns podem chamar de *sádico* – na minha vida amorosa. Sou a única pessoa judia ortodoxa que ela já conheceu, e ela adora fazer perguntas sobre a minha religião, principalmente perguntas obscenas para me deixar chocada. Ela não consegue superar o fato de que nunca andei de mãos dadas, muito menos beijei um cara, e aproveita todas as oportunidades para me lembrar como não sei nada da vida.

— Penina — ela diz mais alto desta vez. — Sei que você me ouviu.

— Em minha defesa — sussurro no ouvido de Antwon —, achei que ela não estava trabalhando hoje. — As pálpebras dele se abrem por um breve momento, revelando um par de olhos castanhos que parecem expressar simpatia, embora isso possa ser minha imaginação.

Janie, uma enfermeira jovem e bonita, levanta o olhar do computador.

— Falando em encontro, na sexta-feira à noite saí com esse cara e foi assim... tão... — Ela torce o nariz e bate na bochecha. — Traumatizante.

Eu imediatamente me animo. Geralmente sou eu que tenho as histórias horríveis de encontros, então é finalmente um alívio ter com quem dividir o palco.

— Sério?

Delilah se apoia em um armário de suprimentos e cruza os braços, com espanto estampado em seu rosto.

— Comece a falar logo, não temos o dia todo.

Janie ergue um dedo e termina de digitar algo no computador. Já reparei a frequência com que as enfermeiras da UTI neonatal documentam tudo, desde pesagens e mamadas, até quantas fraldas molhadas. Não me surpreenderia se elas documentassem espirros e peidos também.

— Ok, então — Janie diz, virando-se para ficar de frente para nós —, no início, o encontro estava indo bem. Não estava ótimo nem nada — ela acrescenta, encolhendo os ombros —, mas nada fora do normal. Até que chegamos à casa dele e aí se transformou num pesadelo *total*.

— O que eu disse sobre dormir com homens no primeiro encontro? — Delilah cobra, e continua antes que Janie possa responder. — Eles vão pensar que você é material de espólio, é isso. Vão pensar que podem entrar e sair da sua vida sempre que quiserem. Não ande por aí parecendo que está sedenta. — Ela coloca as mãos na cintura e acena com o queixo para mim. — Não é, Penina?

— Não olhe para mim, eu sou só a virgem — digo, balançando a cabeça.
— Não sei nada sobre sexo casual. A maior emoção que já vivi foi quando o cara da empresa de entregas me deu uma piscadela depois que eu assinei quando recebi uma encomenda. — Solto um suspiro de felicidade ao lembrar como ele era fofo, com seu cabelo loiro encaracolado e o short justo marrom.
— Aquela piscadela fez meu coração ficar acelerado durante dias.

— Garota. — Delilah aperta os lábios e balança a cabeça, claramente sem palavras.

— Você não sai muito, né? — Janie diz, inclinando a cabeça num gesto compreensivo.

Eu rio e gesticulo apontando o ambiente com a mão livre.

— Isso é o que há de mais emocionante.

Delilah faz uma careta como se estivesse sofrendo, e Janie cobre o rosto com uma das mãos.

— Enfim, de volta ao meu encontro — Janie continua, mas um alarme dispara, interrompendo-a. Ela atravessa o berçário para verificar o bebê, checa a tela do computador que lista os sinais vitais e reajusta um sensor no pé dele.

A primeira vez que me ofereci para ser voluntária aqui, me assustei todas as vezes que um alarme disparava, mas entendi que há muitos alarmes falsos na UTI neonatal por causa do equipamento altamente sensível que monitora os bebês.

— Onde eu estava mesmo? — Janie murmura, espalhando espuma antibacteriana nas mãos. — Ah, sim — ela faz um movimento positivo com a cabeça. — O gato.

— O gato? — Delilah e eu repetimos, olhando uma para a outra.

Janie confirma.

— Ele tem um transtorno de personalidade e episódios esquizofrênicos, mas é claro que só descobri isso *depois* que ele fez xixi na minha bolsa.

Eu levanto a mão.

— Desculpe, mas ainda estamos falando do gato?

Delilah bate palmas e grita de tanto rir; Janie revira os olhos.

— Sim, ainda estou falando do gato — ela diz, e solta um suspiro, como se estivesse se arrependendo de ter aberto a boca.

— Desculpe. — Faço um gesto de floreio com a mão. — Prossiga.

— Então, estavámos ficando muito afetuosos um com o outro no sofá e, fora o gato fazendo barulhos estranhos de vez em quando, estava tudo certo. — Janie respira fundo e continua. — Mas aí ele perguntou se eu já participei de um *ménage à trois* e antes que eu tivesse a chance de dizer qualquer coisa ou de correr para me salvar, ele saca uma boneca sexual de trás do sofá e diz: *essa é a Désirée*.

Abro a boca, espantada.

— Eu nem... não sei... — Delilah balança a cabeça.

— Uau — digo a Janie com a admiração renovada por ela. — Isso é muito problemático.

Ela estende a palma da mão e concorda com a cabeça.

— Não é?

Antwon começa a ficar agitado, então eu me levanto e balanço de um lado para o outro.

— Eu já tive muitos encontros ruins — digo —, mas nenhum que incluísse uma boneca sexual francesa. Ela tinha sotaque? Espero que pelo menos ela fosse bonita. — Paro de me balançar para arrumar um canto do cobertor do bebê e, em seguida, acrescento: — Quão realistas são essas coisas?

Janie não me responde. Olho para cima e vejo que seu rosto está vermelho-rubi e ela está torcendo as mãos com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos. Olho para Delilah, que está com aquela expressão de um animal atingido pelos faróis de um carro, algo que nunca pensei que veria na enfermeira-chefe inabalável.

O que... Eu disse algo ofensivo? Não deveria ter perguntado se a boneca sexual era atraente? Quero dizer, a beleza está nos olhos de quem vê, então posso não concordar com o que ela pode considerar bonito em uma boneca sexual, mas por que isso é tão...

Atrás de mim, alguém pigarreia e quase dou um grito de susto. Apavorada e com um vazio no estômago, eu me viro e olho por cima do ombro. Um grupo de estranhos, um médico da UTI neonatal e uma administradora do hospital estão ali, parecendo, na maior parte, desconfortáveis, embora alguns deles pareçam estar achando graça. Inspiro profundamente quando me lembro, com atraso, de Delilah mencionando que um grupo de filantropos iria visitar a UTI neonatal mais tarde hoje. Ela deve ter entendido errado a parte do *mais tarde*.

Não tem problema, digo a mim mesma, mantendo os olhos fixos no rosto doce de Antwon. Sim, um monte de figurões nos ouviu conversando sobre sexo a três com bonecas sexuais, o que, decididamente, não é o tópico mais profissional para uma conversa, mas pelo menos sou voluntária. Nenhuma dessas pessoas paga meu salário e é improvável que eu me depare com elas novamente. Ao contrário de Delilah e Janie.

— Agora é uma boa hora? — A administradora do hospital pigarreia e mexe despreziosamente no crachá de identificação em um cordão ao redor do pescoço.

Delilah se recompõe, como a profissional impecável que é, e calorosamente apresenta a todos, o que, infelizmente, me inclui.

— E esta é uma das nossas voluntárias do nosso programa de carinho. — Delilah abre um sorriso e gesticula para mim. — Muitas vezes, os pais aqui têm outras crianças em casa ou problemas de saúde que os impedem de estar aqui vinte e quatro horas por dia, e o toque humano é mais poderoso do que as pessoas imaginam. Quando prematuros são abraçados, eles se sentem seguros e amados, e isso também os ajuda a crescerem e se recuperarem de seus problemas físicos.

Minhas bochechas coram sob o olhar de todos. *Recomponha-se, mulher, elas estão olhando para o bebê, não para você.*

Exceto um homem, que definitivamente está olhando para mim. Ele é cerca de uma cabeça mais alto do que os outros e sua pele bronzeada e o cabelo preto como carvão contrastam com seus olhos cor de âmbar. A barba por fazer em suas bochechas e em seu queixo masculinizam um rosto muito perfeito. Seu corpo parece ser firme e atlético; ombros largos afunilam até a cintura esbelta e suas pernas são compridas e definidas.

Não percebo que estou encarando até que os olhos do homem se fixam nos meus uma segunda vez. Desvio o olhar, envergonhada, e meu coração começa a bater rápido. Veja, essa é a desvantagem de ser uma virgem de vinte e nove anos. Estou tão faminta por intimidade física – qualquer coisa física, na verdade –, que quando um homem bonito entra em algum lugar, perco um pouco a cabeça.

O grupo segue em frente, e eu suspiro de alívio, mas ainda sinto o olhar do homem em mim. Tem algo no meu rosto? Cuspe de bebê seco, talvez? Fórmula, leite materno, meleca? As possibilidades são infinitas mesmo!

Fico por mais dez minutos até que a mãe de Antwon chega para amamentar, então aceno um rápido adeus a Delilah, que ainda está falando com os filantropos; embora o cara bonito esteja visivelmente ausente. Talvez esteja com uma das enfermeiras que o haviam cercado antes, como urubus avaliando a presa. Um cara bonito assim provavelmente tem mulheres atrás dele em todos os lugares que está. Balanço a cabeça e sorrio. Coitada da futura esposa, já tenho pena dela.

A sala dos voluntários tem apenas o tamanho suficiente para abrigar alguns armários e uma geladeira pequena. Pego a bolsa no armário, rabisco meu nome na folha de saída e checo a hora no relógio na parede. Anoto 10H22 na folha e não sei por que fico com a impressão de que estou esquecendo algo. Verifico a lista de coisas que tenho que fazer hoje, além de me preparar para o encontro da noite, comprar comi. . .

Meu celular toca e instintivamente sei que é minha mãe, porque minha intuição é afiada. O celular está enfiado na parte inferior da minha bolsa, entre a carteira Prada falsa e o kit de primeiros socorros. A tela pisca com o número de telefone da minha irmã mais velha e minha intuição já era.

— Alô? — Pressiono “viva-voz” e começo a desabotoar a jaqueta de voluntária.

— Ah, bom, você não morreu.

Meus dedos param e encaro o celular com os olhos semicerrados.

— Hum... eu deveria estar morta?

— Claro que não. Só estou me perguntando por que você ainda não está aqui. — Há um som estridente ao fundo, como pratos sendo jogados na pia. — Você normalmente chega uns minutos adiantada e não é do seu feitio esquecer. — Silêncio. — Você esqueceu?

Um sentimento ruim começa a se espalhar lentamente da base da minha coluna até o pescoço. Abro o zíper do bolso interno da bolsa e pego as chaves.

— Esqueceu? — repito, ganhando tempo.
— Semana passada você prometeu que levaria os meninos para a aula de natação hoje de manhã, lembra? Bem... — Ela solta um suspiro. — É óbvio que não.
Droga!

— Nossa, como sou idiota. Desculpa — digo, pegando a bolsa. — Que horas começa mesmo? Quinze para as onze? — Abro a porta e saio para o corredor.

— Não, não se preocupe com isso — ela diz, parecendo exausta, e o bebê começa a chorar. — Vou ver se o Natan pode levá-los. Ou talvez a Fraydie. — Viro em outro corredor e coloco a alça da bolsa no ombro. Natan, o marido de Libby, ensina crianças que tem dificuldade com o hebraico aos domingos de manhã, e quanto à nossa irmã mais nova, Fraydie, bem, ela dorme como uma pedra nos fins de semana, então, sem chance. Com exceção de um apocalipse zumbi, nada poderia acordá-la antes do meio-dia.

— Não, ainda dá tempo — falo, ofegante, esquivando-me de uma pessoa empurrando uma mulher grávida em uma cadeira de rodas. — Principalmente se eu fingir que sinais vermelhos são apenas uma sugestão de parada em vez da lei...

Ai!

Dor. Por tudo.

Eu pisco, tentando me orientar, quando um par de mãos agarra meus braços para me firmar.

— Opa — diz uma voz muito grave, muito masculina. — Você está bem?

Inclino a cabeça e olho para cima, para cima, para cima, para o rosto do homem bonito da UTI neonatal. Ele é tão ridiculamente alto e seus ombros são tão largos e musculosos que é como se eu tivesse dado de cara com um muro. Ou um tanque.

De perto assim, ele é ainda mais escandalosamente bonito, do tipo que deveria vir com um rótulo avisando que pode causar ataques de asma. No mínimo, ele deveria carregar um desfibrilador para as de coração fraco. Como eu, ao que parece.

Seus olhos são uma mistura surpreendente de cores – âmbar, marrom, verde e pintinhas douradas – e há uma intensidade neles ao examinarem meu rosto. Seus lábios são carnudos e volumosos, há uma leve entrada em seu lábio inferior, e uma fenda em seu queixo que é digna de causar desmaios.

Ele engole em seco e o pomo de Adão salta com o movimento. E, meu D'us, o cheiro dele é *incrível*, como uma floresta de pinheiros com uma cachoeira e modelos de colônia Giorgio Armani descansando sem camisa comendo uvas. Quero esse cheiro no meu carro, no meu apartamento, nas minhas roupas. Quero colocá-lo no bolso e levá-lo para onde quer que eu vá, como se fosse meu próprio desodorante humano pessoal.

— Você está bem?

Meu D'us, até a voz dele é sexy. É grave e confiante e gentil. É estranho, mas parece que estou em algum lugar longe, onde ninguém mais existe, exceto o belo estranho e eu. Suas mãos apertam meus braços, quase primitivas em seu toque, e um pequeno suspiro escapa dos meus lábios.

— Faz quanto tempo que você comeu alguma coisa? Você está muito pálida.

Pisco e balanço a cabeça, sentindo como se estivesse acordando de um sonho.

— Não, não. Eu estou bem. Desculpe — murmuro, dando um passo para trás na tentativa de me soltar.

As mãos do homem se soltam dos meus braços e se baixam. Parece que ele está prestes a dizer algo, mas ele se detém para refletir; ele parece ser alguém que considera suas palavras com cuidado.

— Obrigada pela... boa defesa — digo, como se estivéssemos em um jogo de beisebol e ele fosse o arremessador reserva. Controlo o desejo de levar as mãos ao rosto, já que ele está me observando, mas *ai, meu D'us. Eu não deveria ser permitida em público.*

Aceno por cima do ombro, dou dois passos e quase trombo com um suporte para soro deixado no corredor.

— Opa! — exclamo, silenciosamente rezando para que o homem não tenha visto isso.

Por favor, por favooooor, não permita que ele tenha visto isso.

A voz grave do homem atravessa o corredor, e seu barítono forte e sexy faz cócegas na parte de trás dos meus joelhos.

— Você tem certeza de que está bem?

Odeio a minha vida.

Eu me viro e sorrio.

— Nunca estive melhor — digo com a voz esganiçada, fazendo um gesto com a mão. Algo quente cresce em meu peito por causa da preocupação na expressão dele, mas eu abafó antes que tenha tempo de se fortalecer. Me permito dar uma última olhada — sério, este homem pertence a um calendário ou uma tela de cinema ou uma clínica de fertilidade — pare com isso, Penina! Foco!

— Penina? — Libby diz. — Você ainda está aí?

— Sim, desculpe. Logo chego aí — digo a Libby, correndo em direção aos elevadores. — Bem, mais ou menos.

— Não, tudo bem — ela diz, parecendo distraída, e ouço meus sobrinhos brigando. — Já mandei uma mensagem para o papai, e ele está a caminho.

Paro de correr e recupero o fôlego. Eu tinha esquecido que a viagem de negócios do nosso pai havia sido cancelada.

— Ah, ok — digo, limpando o suor da testa. — Desculpa mesmo.

— Ah, imagina — ela diz com firmeza. — A culpa é minha, eu deveria ter te lembrado. Certo, ouça, tenho que ir, mas me ligue mais tarde. Quero ouvir tudo sobre o encontro do outro dia.

Solto um suspiro profundo que vem do fundo da minha alma.

— Ok, falamos mais tarde.

Enquanto ando até o edifício-garagem, penso naquele encontro horrível. É engraçado, de certa forma, até onde as pessoas vão pelas pessoas que amam. Minha família só quer me ver casada e feliz, mesmo que eu (quase) tenha desistido desse sonho há muito tempo – doze anos atrás, para ser exata. Quando o médico disse que eu nunca poderia ter filhos porque meu útero era muito pequeno, toda a minha visão de mundo foi destruída. Eu tinha a expectativa de casamento e bebês como se fosse um direito de nascença. Grande parte da minha identidade estava centrada na minha futura maternidade e, quando me disseram, aos dezessete anos, que eu nunca teria filhos, me senti devastada e mais do que um pouco irritada. Isso não significava somente que eu não poderia ter filhos, mas também que nenhum homem ortodoxo que se desse ao respeito iria querer namorar comigo.

Abro o carro e entro. Sim. Eu sabia disso.

Saio do edifício-garagem, viro à esquerda e vou em direção à rua principal. Tenho um trabalho que amo, amigos e uma família pela qual eu daria um braço se fosse preciso, meu *freela* de influenciadora de moda. Minha vida é agitada e completa. O que mais uma mulher poderia pedir?

Olhos âmbar penetrantes e mãos fortes me sustentando passam pela minha mente. A barba arranhando suas bochechas e seus lábios...

Não. Penina má. Não vá por aí.

Ligo o rádio e distraidamente mudo as estações. Por que ainda estou pensando em um homem sem nome que conheci por meio segundo? Claro, ele era lindo e tal, mas, no fim das contas, ele é apenas como qualquer outra pessoa que você vê uma vez na vida e nunca mais. E, por alguma razão, esse pensamento me deixa absurdamente triste.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br

Campanha



Fique Sabendo

Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata.

Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.

Faça o teste. Não fique na dúvida!



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM JULHO DE 2023